

## QUAL A COR DA SUA REVOLTA? NA FRANÇA, OS COLETES SÃO AMARELOS! EXERCÍCIO ANALÍTICO DA DIMENSÃO POLÍTICO-ESPACIAL DE UM MOVIMENTO SOCIAL

**Paulo Cesar da Costa Gomes\***

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Trata-se de uma análise dos componentes político-espaciais do recente movimento social dos Coletes Amarelos (*gilets jaunes*), ocorrido na França. São objeto de exame a estrutura espacial do movimento, suas relações com a arquitetura das redes sociais e as questões da organização e da prática política, sobretudo pela forma sobre a qual se apresentam nos espaços públicos.

**Palavras-chave:** Espaços públicos. Movimentos sociais. Violência. Política.

### WHAT IS THE COLOR OF YOUR REVOLT? IN FRANCE, THE VESTS ARE YELLOW! ANALYTICAL EXERCISE OF THE POLITICAL-SPATIAL DIMENSION OF A SOCIAL MOVEMENT

**Abstract:** The article deals with a analysis of the political-spatial components of the social movement of Yellow Vests (*Gilets Jaunes*), which recently occurred in France. The spatial structure of the movement, its relations with the social networks frame, and the questions of organization and political practice are examined, especially in the way they are presented in public spaces.

**Keywords:** Public spaces. Social movements. Violence. Politics.

### ¿DE QUÉ COLOR ES TU REVUELTA? EN FRANCIA, LOS CHALECOS SON AMARILLOS! EJERCICIO ANALÍTICO DE LA DIMENSIÓN POLÍTICO-ESPACIAL DE UN MOVIMIENTO SOCIAL.

**Resumen:** El artículo trata sobre un análisis de los componentes político-espaciales del movimiento social de los Chalecos Amarillos (*Gilets Jaunes*), que se produjo recientemente en Francia. Se examinan la estructura espacial del movimiento, sus relaciones con el marco de las redes sociales y las cuestiones de organización y práctica política, especialmente en la forma en que se presentan en los espacios públicos.

**Palabras clave:** Espacios públicos. Movimientos sociales. Violencia. Política.

Há eventos que interpelam com rapidez e vigor um grande número de pessoas. Seja pelo impacto e surpresa que causam, pela amplitude que alcançam, pela sensibilidade das questões que tocam, esses eventos se transformam em tema das conversas, em reportagens, em sequências de notícias, em comentários veiculados por esferas muito diversas. Eventos, quando assim se comportam, se constituem em objeto da opinião pública, ou seja, pensamos, julgamos e nos posicionamos publicamente em relação a eles. Como cidadãos, somos convocados a emitir uma opinião que é, em grande parte, fundada em nossas estabelecidas crenças e valores.

Quando somos cientistas sociais, essa reação é mais complexa. Não deixamos de ser cidadãos e de funcionar como os demais, com uma opinião amalgamada às nossas assentadas convicções, mas nos satisfazer com isso seria crer que nada distingue o corpo de conhecimentos que trabalhamos e o senso comum e daríamos razão aos que sustentam que as ciências sociais não produzem conhecimento. O que fazer então se, como qualquer outro cidadão, também nos sentimos interpelados por esses eventos a emitir apreciações? A solução parece ser restringir nossas análises ao estrito domínio de competências dos campos disciplinares onde atuamos. Ao contrário de opiniões, essas análises devem ser constituídas pelo material tal qual se nos apresenta, sem uma narrativa interpretativa preconcebida. É preciso, por isso, observar esses eventos com rigor e método, ouvir com atenção e procurar o sentido daquilo que está sendo dito. É preciso ler nos discursos e nas ações a coerência interna que guardam, sem uma interpretação construída *a priori*, que funciona como uma máquina classificatória, distinguindo argumentos contra e a favor, como o fazemos comumente quando constituímos nossa simples opinião.

Esse é o exercício que me proponho a fazer sobre um importante evento que vem ocorrendo na França desde o mês de novembro de 2018, conhecido como o movimento dos Coletes Amarelos<sup>1</sup>. Todo o preâmbulo que o antecede serve para deixar claro que a lembrança de ter uma "opinião" protege de fazer dela a porta de entrada das análises, que se reduzirão às questões político-espaciais, meu domínio como geógrafo. Foi, aliás, motivado por evidentes elementos espaciais nesse evento que meu interesse como geógrafo surgiu e se impôs para além da esfera da opinião.

## Gênese e estrutura do movimento dos Coletes Amarelos

Tudo começou com o anúncio em setembro de 2018 da implementação de um novo imposto sobre os carburantes, criado para o financiamento da transição energética que pretende aumentar a parte das fontes de energia não poluentes na matriz energética francesa. O imposto resulta de acordos nacionais e internacionais e foi recebido pela classe política em geral, pela imprensa, pelos intelectuais e movimentos ecológicos como uma boa iniciativa, embora ainda tímida para alguns deles<sup>2</sup>. Logo em seguida, o aparente consenso foi rompido, e uma rápida mobilização nas redes sociais se elevou contra a cobrança do imposto, previsto para vigorar em janeiro do ano seguinte. Outros variados motivos de insatisfação vieram se somar à pauta inicial, e o número de pessoas envolvidas com essas reivindicações foi aumentando exponencialmente em todo o país. A ideia inicial era que os insatisfeitos protestassem não apenas nas redes sociais, mas também no mundo físico das ruas, para que sua ação ganhasse maior efeito e visibilidade.

O colete amarelo fluorescente é um equipamento obrigatório para os veículos automotores e seu porte é recomendado para ciclistas e motociclistas. Ele é também usado por todos os agentes que se ocupam da circulação viária, ou seja, há nesse objeto duas fortes características: impacto visual e associação direta com a mobilidade. Desde o começo o uso do colete amarelo se impôs como uma marca, um identificador. Seu uso se revelou um excelente meio para dar visibilidade e caracterizar a presença e a ocupação de espaços pelos manifestantes. As primeiras ações físicas foram constituídas pela formação de barreiras nas vias de acesso às cidades por pessoas usando coletes amarelos e explicando as razões dessas paralisações. Imediatamente após, começaram as ocupações de rotundas, formando barreiras e filtros. Os carros que passavam por aí deveriam colocar, de forma visível, o colete amarelo no para-brisa, como forma de demonstração de solidariedade ao movimento. Aqueles que se negavam a fazê-lo eram impedidos de passar, e muitos conflitos ocorreram e até algumas mortes.

Antes de prosseguir com a descrição é preciso reconhecer o papel essencial que têm essas rotundas no desenho do sistema viário francês. A França é o país que apresenta o maior número desses equipamentos em toda a Europa, quase o dobro da Alemanha, o segundo maior. A justificativa é a de que a rotunda facilita o fluxo permanente da circulação em variadas situações de densidade de veículos, ou seja, há um ajuste contínuo do

<sup>1</sup>Esse exercício se inscreve na ainda original proposição de Milton Santos (1997) sobre a possibilidade de operar com uma teoria geográfica do evento.

<sup>2</sup>O popular ministro do Meio Ambiente, Nicolas Hulot, pediu demissão por achar que as reformas para a transição não eram suficientes e foi apoiado por analistas e políticos que gostariam de medidas mais radicais.

ritmo da distribuição segundo divergentes direções. Diferente dos semáforos, as rotundas regulam o fluxo com sequência autorregulada desde que o princípio básico da preferência seja obedecido<sup>3</sup>. Na periferia das cidades ou ao longo das vias que atravessam as pequenas localidades a sucessão dessas rotundas chama a atenção pela proporção e pelo desenho que impõem ao traçado das vias. Embora seja um equipamento funcional, sua presença termina imprimindo uma marca a certas áreas periféricas, caracterizando-as como pouco atraentes ou desvalorizadas.

Se a noção de não lugar (Augé, 1992) fosse um útil modelo descritivo, certamente as rotundas seriam um excelente exemplo. Quase sempre vazias, sem acesso para pedestres, parecem, para aqueles que por ali eventualmente passam, um espaço indistinto e sem nenhuma particularidade. A mobilização dos Coletes Amarelos nesses lugares demonstra, no entanto, o contrário. São espaços importantes para toda uma categoria de pessoas que os conhecem bem, os identificam e, justamente por isso, foram simbolicamente investidos e fisicamente ocupados<sup>4</sup>. Demonstração enfática de que algumas compreensões exprimem leituras dos espaços abusivamente condicionadas pelas práticas daqueles que, de fora, os classificam, sem levar em conta as contraversões desses significados por parte de outros grupos sociais<sup>5</sup>. Esse ponto tem especial importância para que se compreenda a surpresa e a ambiguidade da acolhida do movimento dos Coletes Amarelos pelos canais comuns de comunicação da opinião pública na França. O divórcio e o desprezo daqueles que dominam esses canais em relação a uma grande parcela da população já tinham sido apontados com grande antecipação em alguns estudos, sobretudo os do geógrafo Christophe Guilluy (2004; 2010; 2014).

Esses estudos nos ajudam a compreender o perfil das pessoas que manifestam e as razões da forte mobilização<sup>6</sup>. Evidentemente, como em todos os amplos movimentos sociais, a variedade de casos envolvidos é grande, mas predomina um conjunto que reúne certas feições comuns, confirmado pela coincidência dos resultados de pesquisas de vários institutos de opinião<sup>7</sup>. Aproximada-

<sup>3</sup>Na França, ao contrário do Brasil, a preferência é daquele que está girando.

<sup>4</sup>Não à toa, uma grande parcela de caminhoneiros participa ativamente do movimento dos coletes amarelos, inclusive na escolha e na ocupação das rotundas.

<sup>5</sup>Uma conhecida revista identificada ao público parisiense apresentou em 2010 uma matéria bem significativa: "Como a França se tornou feia". Os exemplos eram áreas com rotundas, as grandes zonas comerciais e os loteamentos periurbanos, chamados na matéria de "metástases". Coincidentemente são essas as áreas de onde provém a maior parte dos coletes amarelos. De Jarcy, Xavier, Remy Vincent (2010).

<sup>6</sup>Além desses estudos, há uma profusão de documentários, mesas-redondas, reportagens e outras atividades que informam e analisam o movimento. Alguns trazem elementos novos, como a série de reportagens realizada pelo jornal *Le Monde* a partir das postagens mais comuns das páginas no *Facebook* de duas centenas de manifestantes (*Plongée au coeur du facebook des gilets jaunes*, janeiro de 2019).

<sup>7</sup>Para citar apenas algumas cujo levantamento foi feito no mês de novembro de

mente dois terços dos manifestantes são de famílias de origem francesa que vivem nas áreas rurais, periurbanas ou nas periferias dos grandes centros. Dada essa localização, são pessoas que utilizam necessariamente carros para seus deslocamentos diários. Segundo um desses institutos de pesquisa: "São categorias da população que moram em lugares não valorizados e que têm a percepção de uma marginalização social e espacial"<sup>8</sup>.

Em termos profissionais, correspondem majoritariamente às categorias populares de funcionários subalternos, operários, prestadores de serviço autônomos e aposentados. A renda média é um pouco maior que o SMIC (salário mínimo interprofissional de crescimento), hoje no valor de 1.521 Euros (aproximadamente 5 mil reais). Essa situação compreende muitos franceses, pois o SMIC corresponde a 65% do salário mediano, ou seja, há uma forte concentração de pessoas com salários dispersos em torno desse valor<sup>9</sup>.

Inversamente, só uma pequena parcela dos Coletes Amarelos, menos de 10%, é composta por profissionais mais especializados, executivos ou de profissões intelectuais. Em termos de sensibilidade político-partidária, a base mais ampla do movimento provém das extremas, da direita e da esquerda. Um levantamento apontou que mais de 90% dos que votaram nesses partidos nas últimas eleições apoiam o movimento dos Coletes Amarelos<sup>10</sup>. Além dos eleitores desses partidos, há anarquistas, altermundialistas e, em muito menor número, completam esse quadro os eleitores do partido socialista e da direita tradicional.

É preciso também notar algumas significativas ausências no movimento dos Coletes Amarelos. A primeira delas é a dos desempregados e daqueles que recebem ajudas sociais do Estado. Nos pronunciamentos dos Coletes Amarelos, a crítica a essa parcela da população, os "socialmente assistidos", ficou clara – muitos declaram que poderiam, se quisessem, viver sem trabalhar, recebendo quase a mesma quantia por intermédio dos dispositivos de ajuda social previstos pelo Estado, mas não aceitavam isso. Outra ausência bastante expressiva é a da população de origem imigrante, sobretudo negros e árabes. Essa população, concentrada na maioria dos casos em áreas degradadas do centro ou na periferia imediata das grandes cidades (na *Banlieue* ou subúrbio), não tem uma forte representação entre os Coletes Amarelos, diferente do que aconteceu em diversos outros

2018: LesEchos, publicado em 16/11/2018; Odoxa, em 18/11/2018; IFOP-Fiducial, em 20 e 21/11/2018; Elabe, em 28/11/2018; Harris Interactive, publicado em 2/12/2018. No mesmo mês, o sociólogo Benoit Coquard apresentou também resultados, mas sua base era de apenas 80 pessoas, todas de uma mesma região. O jornal *Le Monde* publicou também uma pesquisa de terreno feita por sociólogos, mas, depois que a metodologia foi fortemente contestada, ela foi retirada do site (<[www.larotative.info.fr](http://www.larotative.info.fr)>).

<sup>8</sup><[www.slate.fr](http://www.slate.fr)>. Acessado em: 28/12/2018.

<sup>9</sup>Fonte: INSEE e DADS 2017.

<sup>10</sup>Elabe, novembro de 2018.

movimentos sociais recentes. Um comentário comum é o de que os Coletes Amarelos não se confundem com o *banlieusard* (habitante da *Banlieue*). Muitos propósitos xenófobos, anti-imigração e racistas que escaparam aqui e ali confirmam essa segregação. Finalmente, outro personagem ativo nos movimentos sociais recentes e alheio ao dos Coletes Amarelos é aquele que se define como o *Bobo* parisiense (burguês-boêmio). Trata-se de uma figura social imprecisa, mas pode ser delineada como reagrupando pessoas de sensibilidade política da esquerda republicana, adeptas da diversidade étnica e social, de projetos de participação cidadã, de iniciativas ecorresponsáveis e simpatizantes fervorosas das manifestações culturais. Compõem a elite intelectual francesa e possuem enorme peso na escolha do tratamento do conteúdo nos principais meios de comunicação. A diversidade pode ser um valor, mas essas pessoas se reproduzem em ambientes bastantes homogêneos e têm pequena tolerância com as opiniões divergentes. Nas críticas que circulam sobre eles, têm peso os paradoxos de fazer censuras ao consumismo popular, mantendo hábitos de adquirir produtos caros, mas conotados como moralmente superiores (*fair trade*, bio, comércio equitativo, concept-stores etc.), andam de bicicleta e criticam o uso de carros particulares, mas circulam pelo mundo, são severos nos julgamentos éticos, mas flexíveis a todos os prazeres associados à mundanidade urbana. Em quase tudo, valores e padrões de comportamentos, circuitos de frequência e gostos, são antagônicos aos da maior parte dos Coletes Amarelos.

Por todas essas características, o movimento dos Coletes Amarelos se alimenta de fortes oposições. Muitas tomam a forma de matrizes espaciais: urbanos versus rurais; centrais versus periféricos, metropolitanos versus provincianos; Paris versus regiões; globalistas versus localistas. Todas elas são comumente acionadas no discurso que caracteriza o movimento<sup>11</sup>.

Podemos agora voltar às rotundas e reconhecer que raramente existem nos centros das cidades, embora sejam muito características em suas periferias e acessos<sup>12</sup>. O entorno imediato das rotundas, além de residências, pode conter estabelecimentos industriais, empresariais ou ainda grandes equipamentos de comércio e serviços (supermercados, grandes lojas, postos de gasolina etc.), como é comum em várias periferias urbanas no mundo. As residências não são precárias ou miseráveis, e para aqueles que apenas as atravessam podem parecer

<sup>11</sup>Se para alguns analistas (Guilluy, 2018), as características sociodemográficas e espaciais dessa população dos Coletes Amarelos são muito distintas, para outros essas oposições sociológicas gerais de matriz espacial são produtos de caricaturas (Delpirou, 2018).

<sup>12</sup>Paris é, nesse sentido, uma exceção. Há várias rotundas ocupadas por monumentos dentro da área da cidade e próximas ao centro, Bastilha, Denfert Rochereau, Concorde, Place d'Italie e várias outras. A mais conhecida é a do Arco do Triunfo, em frente ao Champs-Élisées. Note-se que esta última oferece uma passagem subterrânea que permite a circulação de pedestres e o acesso direto ao monumento.

sem identidade, pouco densas e sem vida urbana visível (Dodier, 2012). Por isso, algumas localidades resolveram personalizar as rotundas, criar temas e decorá-las, cunhando assim uma marca ou singularidade.

Por fim, é necessário sublinhar ainda sobre as rotundas que elas se associam às ideias de gentileza da passagem, ao democrático jogo da primazia pela ordem de chegada e da posição, de fluidez ordenada e, sobretudo, de conectividade e articulação entre várias direções. Há uma sinalização muito comum nos painéis encontrados nas rotundas – “Todas as direções”, ou seja, quando uma direção precisa não é assinalada, quer dizer que todas as outras podem ser acessadas naquele rumo. Esse sentido, bastante metafórico, também pode ter sido emprestado ao movimento dos Coletes Amarelos.

### O desenvolvimento da mobilização dos Coletes Amarelos

Aos sábados desfilam pessoas pelas ruas mais valorizadas dos grandes centros urbanos do país, todas usando os coletes amarelos<sup>13</sup>. O encontro em Paris, também aos sábados, tem a particularidade de receber manifestantes vindos de muitas localidades na França e passou a ser o momento culminante da mobilização. Quase sempre, ao final das marchas, há confrontos com a polícia e muitos casos de agressões físicas, barricadas, pequenos incêndios (de carros, pneus, latas de lixo), depredação e saque de lojas, bancos, restaurantes, e houve casos de invasão e vandalismo de instituições públicas (prefeitura, monumentos, ministérios). No começo de dezembro, a polícia designou que a manifestação do sábado fosse organizada no *Champs de Mars*, grande esplanada em frente à Torre Eiffel, mas os coletes amarelos decidiram ir ao *Champs-Élisées* e ocupar a rotunda que abriga o Arco do Triunfo, onde houve então o até agora mais intenso confronto entre os manifestantes e a polícia<sup>14</sup>.

Há quase um lugar-comum que procura distinguir os manifestantes Coletes Amarelos dos supostos elementos interessados apenas na violência contra os policiais e o patrimônio que vem acompanhando os eventos. Alguns comentaristas chegam a apontar grupos específicos (*black blocs*, anarquistas, *zadistas*, *gangs da Banlieue*) como infiltrados, estranhos aos interesses e às demandas dos Coletes Amarelos. Ao refletirmos a partir dos fatos, no entanto, fica difícil participar dessa con-

<sup>13</sup>O primeiro ato mobilizou quase 300 mil pessoas em todo o território francês. Esse número foi decrescendo e se estabilizou entre o ato VIII e XII em torno de uma média de 75 mil, segundo dados do Ministério do Interior, e de 130 mil, segundo os Coletes Amarelos.

<sup>14</sup>Na França as manifestações políticas têm sempre seus direitos garantidos desde que obedeçam alguns requisitos básicos: devem ser avisadas com antecedência e seus percurso e horário devem ser estabelecidos em comum acordo com as autoridades policiais.

sensualidade discriminatória. Desde o início, as ações dos coletes amarelos abrigam um acentuado coeficiente de agressividade. A própria interdição de passagem dos veículos poderia assim ser vista, mas, além disso, se multiplicaram casos de agressões e ataques aos carros nas barreiras, quebra e incêndio de postos de pedágio, destruição de aparelhos de radar nas rodovias etc. Os propósitos de alguns dos mais conhecidos animadores da rede dos Coletes Amarelos, as indicações dos alvos a serem atingidos (equipes de jornalistas, sede de canais de televisão, prédios de poderes públicos), além dos feroces discursos de incitação nas redes sociais, são suficientemente eloquentes para demonstrar que a violência não é um ingrediente exógeno ao movimento como se quer afirmar. A explosão da violência ao final das marchas dos Coletes Amarelos é assim quase a apoteose esperada do espetáculo.

Do ponto de vista espacial, há duas dinâmicas distintas. De um lado, são ocupadas as rotundas, ou seja, são mantidos um controle, uma permanência e uma reivindicação implícita de apropriação desses espaços; do outro lado, desfilam, apresentam-se sobre espaços de forte visibilidade que, logo depois, são violentados, agredidos. Nesse segundo movimento, o propósito é também de deixar traços, potencializar a visibilidade por um processo metonímico de substituir a presença por uma marca, nesse caso, pelos rastros da violência. Depredar é por isso um imperativo.

Segundo a proposição bastante original de Peter Sloterdijk (2006), a ira é um dos motores da história. A modernidade teria assistido à constituição de organizações que compuseram “projetos de ira”, reagrupando ressentimentos e raivas pessoais em causas políticas gerais – “De nada adianta destruir cabines telefônicas ou incendiar veículos se não houver a justificativa de um objetivo que integra o vandalismo em uma perspectiva ‘histórica’” (SLOTERDIJK, 2006). O desenvolvimento de uma cultura da vitimização nas sociedades modernas cria uma cadeia que cultiva e transmite a ira em categorias de vítimas, identificadas no presente e no passado, que reclamam vingança e reparação. Essa categorização é a fórmula que permite a coalescência dos casos individuais, a alavancagem da força reivindicatória e a definição de um perímetro espacial de atuação:

Enquanto as capacidades locais das paixões rebeldes não estão reagrupadas em pontos de coleta da ira operando em vastos espaços e coordenados por uma encenação que tem visibilidade, elas se consomem simplesmente em uma confusão expressiva. (SLOTERDIJK, 2006)

Da mesma maneira que fazemos depósitos de dinheiro em estabelecimentos bancários, esperando ganhos e retorno, na modernidade há organizações que funcionam, a exemplo da economia monetária, como se fossem instituições financeiras, “bancos de ira”. No momento dos depósitos, esses ressentimentos são apenas tesouros estéreis e, como na transformação do dinheiro em capital, só começam a frutificar quando bem aplicados em ações que produzam benefícios. Durante muito tempo, certos partidos políticos, sindicatos e outras associações canalizaram as frustrações e queixas e prometeram reparação em troca da adesão, e isso funcionou com relativa estabilidade até recentemente. A atual perda de alcance e de reconhecimento dessas organizações, com todas as promessas que elas encarnavam, no entanto, faz com que hoje os “depósitos” de ira sejam disputados por novas organizações ou que irrompam, às vezes, de forma setorizada em situações variadas da vida social.

O grau de revolta, a raiva manifesta e a indisposição ao debate do movimento dos Coletes Amarelos têm, sem dúvida, no raciocínio de Sloterdijk, uma pista para interpretação. Além disso, a modulação territorial (rotundas periféricas e população periurbana) e a busca de espaços de visibilidade em alguns grandes centros (Paris, Bordeaux, Toulouse, Nantes) confirmariam também seus propósitos.

Alguns analistas revelam surpresa pelo ódio dirigido ao presidente Emmanuel Macron. Homem de diálogo, não cometeu qualquer ato que pudesse ser visto como justificativa para essa aversão, pediu desculpas por suas palavras que teriam sensibilizado algumas pessoas e conta apenas com 18 meses de gestão, quando a maior parte das reivindicações são decorrentes de um longo processo. É verdade que o sentimento de raiva precisa ser dirigido contra alguém e sabemos disso desde Aristóteles, porém, além disso, o presidente é visto como representante das elites que controlam a informação, a cultura e a visibilidade social e, como elas, é acusado de ser arrogante e manipulador.

## O povo contra o público

Um slogan comum repetido nas manifestações dos Coletes Amarelos tem sido: “Macron, demissão”. Como foi dito, há entre os Coletes Amarelos uma agressiva e comum rejeição à figura do presidente, e esse parece ser um dos raros pontos convergentes em meio à variedade de propósitos do movimento. Não reconhecem o presidente como legítimo. Argui-se o fato de que no primeiro turno das eleições apenas 24% dos eleitores votaram nele, uma minoria. No segundo turno ele alcançou 66%

dos votos válidos, mas para esses críticos foi apenas um voto de refúgio contra a candidata da extrema direita. Não haveria, pois, legitimidade nessa expressão. Duas ordens de consideração devem ser trazidas em relação a esses comentários: a primeira é estrutural, e a segunda, conjuntural. Começamos pela segunda. A renovação da Assembleia Legislativa ocorreu logo em seguida à eleição presidencial: o grupo de apoio direto ao presidente Macron nem existia e, ainda assim, obteve uma maioria absoluta de 313 cadeiras sobre um total de 577. Isso invalida o argumento sobre um voto contrariado no segundo turno das eleições presidenciais, já que não havia o mesmo ingrediente nas eleições legislativas e a adesão ao presidente e ao seu grupo de apoio parlamentar foi maciço. Em termos estruturais, a V República Francesa funciona com essas regras desde 1958, e muitos outros presidentes já governaram sem terem sido eleitos com maioria dos votos no primeiro turno ou sem contarem com a maioria da Assembleia. Não se pode contestar as normas estabelecidas de um jogo do qual participamos só porque perdemos. Não havia nenhuma proposta que pedisse a mudança nessas regras antes das eleições. Não há, por isso, legitimidade política e institucional nesse argumento.

As principais iniciativas do governo Macron têm seguido aquilo que foi anunciado no programa e que republicanamente foi referendado pelo resultado das eleições. Nisso, aliás, se inclui o imposto contra o qual os Coletes Amarelos iniciaram o movimento. Em face da reação das ruas em novembro, o governo retrocedeu na aplicação do imposto, fato, aliás, que não teve nenhum impacto sobre a continuação dos protestos<sup>15</sup>. Isso, no entanto, tem um componente problemático, uma vez que contraria aquilo que na consulta das urnas havia sido aprovado e que foi, por pressão das ruas, anulado. Do ponto de vista da política, abre-se um perigosíssimo precedente que concede à demonstração da força o privilégio da decisão, justamente aquilo que os princípios democráticos procuram combater. O embrião de situações como essa foi precocemente identificado e discutido por Arendt (1970) nos movimentos sociais dos anos 1960. O que havia de novo na delimitação entre as esferas da força e do poder e que legitimidade poderiam almejar?

Uma vez mais podemos recorrer a Sloterdijk. Sua ideia é a de que há um personagem novo no tabuleiro da cena política que, a despeito de sua fundamental importância, tem merecido pouca atenção: o militante. Segundo ele, o sujeito militante concebe sua vida como um receptáculo da ira, registra todas as contas não pagas vindas de todas as partes, conservadas para um reembolso posterior. Nesse sentido, todo o esforço desse per-

sonagem é dar nome, forma e esperança de reparação aos ressentimentos e canalizá-los e ajustá-los às suas causas. Militar significa então criar e fidelizar uma clientela. Esse novo sujeito da história política é aquele que produz, por meio de uma cultura da indignação, a junção do povo e da ira: "O homem militante não limita sua ira à sua própria causa, ele faz de sua sensação pessoal uma caixa de ressonância de uma impulsão de ira de alcance geral" (SLOTERDIJK, 2006).

Difícil tem sido para a cultura democrática, que procura tranquilizar as paixões e submeter a deliberação à argumentação lógico-racional, reagir aos transbordamentos passionais de uma multidão movida pelo ressentimento e pela indignação<sup>16</sup>. Há, no entanto, cada vez mais arenas de debates que abandonam os argumentos racionais e se entregam a um belicoso enfrentamento fundado nos afetos. As redes sociais são comumente apontadas como um veículo preferencial dessa nova passionalidade agressiva. As explosões de violência no mundo físico seriam, pois, a transposição de costumes cada vez mais praticados no mundo virtual. As similaridades entre os espaços do mundo físico e aqueles do mundo virtual das redes sociais, sem dúvida, existem, mas um certo número de considerações precisa ser melhor analisado.

No caso específico dos Coletes Amarelos, de fato as redes sociais foram o meio pelo qual várias pessoas se reuniram para organizar os protestos e encontrar cumplicidade em suas reivindicações. Elas geraram a possibilidade de multiplicar os pontos de conexão do movimento e recobriram com essa malha todo o espaço da França, criando assim uma bem-sucedida ideia de recobrimento nacional. A ocupação das rotundas funciona com a imagem de conectores físicos dessa grande rede nacional. As redes sociais propiciam a organização dos eventos e também criam as condições para que grupos se desloquem em conjunto nas grandes marchas e estabeleçam objetivos e percursos definidos durante as manifestações. São nessas redes também que os coletes amarelos encontram elementos discursivos que municiam o movimento e desenham (ou caricaturam) a identidade e as características de seus opositores. Há a tentação de apresentar essas redes como exemplares de uma nova forma de fazer política. Proclama-se que não há hierarquias, a horizontalidade é a norma, todos têm a palavra, todos podem se manifestar<sup>17</sup>. A partir do

<sup>15</sup>Indignação e esperança são palavras-chave. Em 2010, o livro *Indignez-vous*, de Stéphane Hessel, publicado por uma pequena editora, se transformou em um fenômeno de vendas, com muitas traduções. Trata-se de uma conclamação contra um conjunto heteróclito de elementos que pretende ser o estímulo para uma verdadeira mudança social. Ao que parece, foi em parte nisso inspirado que se formou o movimento de *Los indignados*, na Espanha, em 2011. O livro de Castells *Networks of Outrage and Hope* traduz muito bem no título e no tratamento do conteúdo essa associação que já havia sido aventada antes por alguns autores, na Geografia, por exemplo, por D. Harvey em *Spaces of Hope* (2000).

<sup>17</sup>"Autonomia da comunicação", diz Castells (2012).

<sup>16</sup>Como disse Gustave Le Bon (1895), "Ceder à multidão uma vez é lhe conceder a consciência de sua força e se condenar a ceder sempre".

acesso a essas redes, a isonomia, a isocracia e a isegoria estariam asseguradas. O exame mais acurado mostra, entretanto, que há uma forte concentração de pessoas do movimento que frequentam quatro ou cinco páginas web, cada uma com mais de 150 mil seguidores e capitaneadas por um animador. A dificuldade de estabelecer um debate com os Coletes Amarelos reside, portanto, na pluralidade de orientações geradas por esses animadores e no sistemático descrédito das iniciativas, tomadas por um ou por outro, de falar pelo movimento e se estabelecer como um porta-voz. Ao contrário do que se quer mostrar, a falta de uma hierarquia global se deve muito mais à rebeldia e à sabotagem desses grandes animadores em aceitar um comando central do que propriamente a uma horizontalidade. Da mesma forma, a mobilização é muito desigual em diferentes regiões embora se associe com muita frequência ao mesmo tipo de área de semiperiferia, a despeito das diferenças regionais que geram uma pauta de reivindicações diversas mesmo entre as regiões mais mobilizadas, como a Île-de-France, a Bretanha, a Aquitânia, o Norte e a Provence<sup>18</sup>. Dito isso, como em qualquer sistema estruturado em rede, há fortes interações entre diferentes pontos, e alguns podem desaparecer e outros surgir, sem que haja modificação significativa no movimento, ou seja, há grande flexibilidade do espaço de cobertura da rede, e isso é muito importante para sua resistência.

Finalmente, o diálogo é comprometido não apenas pelos ânimos passionais e pela irredutibilidade das queixas. Há dificuldade também pela variedade dos temas e pela falta de pontos de convergência. Qualquer agenda mais positiva excluiria muitas parcelas de manifestantes e criaria cisões, e por isso o movimento tem interesse em manter como cimento a geral e exasperada condenação a tudo, e nenhuma medida é aceita como satisfatória. Além disso, o descrédito em relação aos políticos, aos sindicatos e a todos os outros corpos intermediários se deve também à condenação dos mecanismos da representação. A democracia deve ser direta, todos devem participar das decisões, sem intermediários. "Eleição, armadilha dos babacas" é o título, lembrado por alguns Coletes Amarelos, de uma conferência de Jean-Paul Sartre de 1973, para quem, ao depositar o voto em uma urna, estaríamos renunciando ao direito de decidir durante o exato período do mandato que concedemos aos representantes<sup>19</sup>. Seria, por isso, paradoxal que o movimento então elegeesse representantes, formais ou informais, mas isso não é consensual entre todos os coletes ama-

relos<sup>20</sup>. Aqueles que pregam a democracia direta têm sido muito ativos em pedir que se organizem referendos de iniciativa cidadã, ou seja, sob proposição de um certo número de pessoas, sejam examinados temas e submetidos à aprovação popular. Não cabe aqui tratar de todos os problemas decorrentes do uso de referendos, mas, sem esquecer que isso pode levar a uma tirania da maioria (como já nos alertava Aristóteles!), devemos também, ao menos, considerar que, na forma dicotômica discricionária e agressiva como se apresenta o debate de algumas questões atualmente, a via do referendo poderia significar a franca confrontação de grupos sociais em torno de uma simplista e binária escolha<sup>21</sup>.

### Espaços públicos e espetáculos

Os Coletes Amarelos têm denominado e numerado como "Atos" a sucessão de manifestações aos sábados. O ato I tendo acontecido em novembro, já se acumulam até a presente data doze atos, correspondentes às semanas transcorridas, e o ato XIII já está em preparação. Evidentemente, essa denominação tem a força de comunicar que se está vivendo uma espécie de tragédia, dividida em vários atos e que, ao cabo, algo de grandioso ou definitivo deve ocorrer para que se realize o sentido final dessa saga. Como qualquer outra narrativa do mesmo estilo, já apareceram os heróis (por exemplo, o boxeador profissional que agrediu policiais) e os mártires, feridos nos confrontos com a polícia<sup>22</sup>.

A vivência das manifestações políticas como espetáculos é óbvia<sup>23</sup>. Desde de meados dos anos 1950 o sociólogo E. Goffman (1956) chamou a atenção para o espetáculo como possível objeto epistemológico, composto pelo par ator/espectador e necessitando sempre de uma espacialidade própria que distingue lugares de visibilidade e de invisibilidade, lugares de ações performativas e lugares de espontaneidade e preparação. As chamadas teorias da performance se desenvolveram muito nas ciências sociais, mas há dois grandes problemas que as atravessam. O primeiro é a consideração da performance fora da esfera do espetáculo, ou seja, sem a referência ao espectador, ao evento e às suas condições

<sup>20</sup>Uma lista de "Coletes amarelos" foi lançada para concorrer nas próximas eleições parlamentares europeias por uma das grandes animadoras da rede, Ingrid Levasseur. A iniciativa foi muito criticada e não se sabe se será mantida.

<sup>21</sup>Outro elemento que alimenta dúvidas sobre o bom alvitre da organização de referendos tem sido as sugestões de temas a serem revisados: casamento para pessoas do mesmo sexo, aborto, pena de morte, entre outros do mesmo estilo.

<sup>22</sup>Houve mortos, atropelados nas barreiras por pessoas que reagiram ao impedimento da passagem, mas esses cadáveres não gozam do estatuto de mártires, pois não foram vítimas dos agentes do Estado ou das "elites". Um dos mais conhecidos animadores das redes sociais admitiu explicitamente que estava esperando que houvesse mortos nas manifestações, propósito que foi entendido como um desejo para cumprir o roteiro que ele imaginava.

<sup>23</sup>Em 2010 apresentamos uma análise de um movimento social, das "barracas vermelhas", colocando em relevo sua organização como evento-espetáculo e seus efeitos políticos (Gomes; Fort-Jacques, 2010).

<sup>18</sup>Charmes (2019) sublinha a diversidade de situações na França e discute diversos casos de pequenas cidades e algumas periferias que se renovaram e estão bem integradas à mundialização, contrariamente à visão negativa generalizada desses espaços.

<sup>19</sup>A expressão em francês é: "Élections, pièges à con" (Sartre, 1973).

espaçotemporais<sup>24</sup>. O segundo e mais grave é a contaminação da ideia de performance como ação teatral<sup>25</sup>. Nos jogos da vida a performance nada tem a ver com uma ficção. Tomemos aqui a definição de evento-espetáculo sugerida por Spielman (2013):

Sequências de ações de natureza comunicativa, realizadas em um tempo e um lugar dados, segundo modalidades fixadas antes (performance) e intersubjetivamente percebidas como tendo uma unidade, ao menos, para o indivíduo que as realiza (performador) e ao menos para um outro que o assiste (espectador), cada um estando consciente de seu papel nesse processo. (2013:199)

Nesse sentido, é possível compreender que a escolha dos lugares onde se manifestam os Coletes Amarelos, o número de pessoas que estão ali mobilizadas e uniformizadas, as palavras de ordem hostis, os enfrentamentos com a polícia, os feridos de lado a lado e os distúrbios ao final, com destruição e saques, tudo isso faz parte de um conjunto, estruturado pelo espetáculo, que encontra coerência no discurso previamente trabalhado nas redes sociais e nos encontros dos militantes.

Esse discurso contém alguns traços recorrentes: os coletes amarelos são pessoas de bem, trabalham, pagam impostos, mas estão cansados de ser objeto do desprezo das elites e de políticas públicas que só beneficiam os mais ricos, aqueles que não trabalham e os que vivem da assistência social. O país é rico, mas distribui mal seus recursos, e os que mais trabalham são os que menos se beneficiam da riqueza criada. Falta vontade política para mudar e oferecer uma melhor qualidade de vida aos que vêm perdendo gradativamente poder aquisitivo, sucumbindo ao peso dos impostos e condenados a viver em áreas marginais, expulsos dos centros urbanos pelos altos preços imobiliários. Ilustração formidável daquilo que Arendt muito bem descreveu:

O ódio não é de forma alguma uma reação automática à miséria e ao sofrimento como tais; ninguém reage com o sentimento de ódio a uma doença incurável ou a um terremoto ou a condições sociais que parecem imutáveis. Somente onde houver razões para suspeitar que as condições poderiam ser mudadas e não o são é que surgirá o ódio. Somente onde o nosso senso de justiça for ofendido é que reagiremos com ódio. (ARENDR, 1970:39)

Como bem sintetizou uma reportagem (*Le Point*, n. 2.418, janeiro 2019), os Coletes Amarelos não são pobres o suficiente para receber ajuda do Estado e não são ricos o bastante para poder se beneficiar das amenidades

<sup>24</sup>Ver a esse respeito, por exemplo, o conceito de situação em Goffman (1963).

<sup>25</sup>Goffman sempre deixou claro que utilizava um vocabulário extraído do universo teatral, mas as ações sociais não se confundem com um texto teatral ficcional, somos aquilo que representamos.

oferecidas pela sociedade urbanas modernas. Invisíveis nas políticas públicas, eles são também invisíveis socialmente, confinados às áreas remotas, sem acesso aos transportes públicos e sem muitos serviços<sup>26</sup>. Também nos estudos de Guilluy aparece com clareza essa parcela da população que foi aos poucos indo para as periferias, fugindo dos bolsões de imigrantes dos subúrbios e sendo expulsa dos centros urbanos pelos crescentes preços dos imóveis. Há programas para trazer populações pobres para os centros urbanos, e uma proporção dos imóveis construídos deve ser destinada à locação social (*logement social*). Os Coletes Amarelos não se enquadram, no entanto, nos critérios e não se beneficiam. Além disso, o mercado, para cumprir com a política de destinar uma parcela dos apartamentos a preços mais baratos, costuma compensar com o aumento das outras unidades – duplo obstáculo para essa faixa da população que, para culminar, segundo estudos, tem uma mobilidade espacial menor que a população de origem imigrante, que conta com diversas redes e organizações que os ajudam<sup>27</sup>. Eis os ingredientes que alimentam a ira que se deposita agora no movimento dos Coletes Amarelos. Por isso, a ira faz parte do espetáculo que desfila nos espaços públicos a cada ato dos coletes amarelos e ganha visibilidade justamente por aí se mostrar, não é um adereço, é um componente essencial, sua performance é necessária.

No domingo, 27 de janeiro, logo após a manifestação os Coletes Amarelos, saiu pelas ruas de Paris uma marcha com aproximadamente 10 mil pessoas para reafirmar os valores da República, a liberdade e, sobretudo, dizer não à violência dos Coletes Amarelos. Esse contramovimento também se formou a partir das redes sociais e escolheu um símbolo, lenços vermelhos (*foulards rouges*). Em contraste com as marchas dos Coletes Amarelos, essa contramanifestação parecia um pouco sem cor, sem vigor, quase sem energia. Será que a ausência da raiva, da passionalidade, condena esses espetáculos a parecerem enfadonhos e pouco eficientes, e estaríamos condenados a incluir a violência na vida pública?

<sup>26</sup>Esses "invisíveis" são, de alguma forma, aqueles que Hillary Clinton denominou como "*deplorables*" na última campanha presidencial norte-americana e talvez sejam próximos dos que votaram "*yes*" para o *Brexit* no Reino Unido, entre outros recentes exemplos possíveis.

<sup>27</sup>Segundo Goodhart, há hoje uma clivagem fundamental entre o *somewhere* e o *anywhere people*, ou seja, aqueles que podem escolher e viver em todos os lugares e aqueles que estão condenados a viver em um lugar preciso. Os "*anywhere*" são móveis, instruídos, à vontade na mundialização e com um estilo de vida que se espalha pelo mundo. Já os "*somewhere*" estão associados a um território, quando se deslocam levam seus estilos de vida particulares e tendem a se reagrupar para refazer as condições de origem. Poderíamos acrescentar a esse quadro os "*nowhere*", aqueles que são invisíveis, ocupam um lugar opaco e têm cada vez menor possibilidade de mobilidade social e espacial. Os coletes amarelos estariam nessa última categoria.

## Redes da integração face às identidades coloridas das redes da indignação

Em abril do ano de 2016 o atual presidente E. Macron lançou o movimento *En Marche* ("em movimento"), que tinha como objetivo redefinir os quadros da política francesa. Para isso, foi criada uma estrutura em rede, contando com 4 mil voluntários encarregados de recolher testemunhos em todo o país e organizar debates com o objetivo de sintetizar as demandas dos cidadãos. Foram desenvolvidos algoritmos e feitas análises semânticas dos questionários e das discussões e o material foi tratado por um reconhecido instituto de análises. Como se pode facilmente reconhecer, a estrutura do movimento se espelhou na arquitetura das redes sociais e procurou satisfazer as demandas por uma maior participação do eleitor na construção dos programas políticos e de uma renovação pouco ideológica na forma de fazer política, sempre muito polarizada na França entre posições tidas como de direita ou de esquerda.

O projeto foi bem-sucedido e conduziu Macron à presidência, sem que ele tivesse tido antes qualquer cargo eletivo e sem um partido de sustentação preexistente. Para a campanha eleitoral da Assembleia, a estrutura foi mantida, pré-candidaturas espontâneas vieram de todo o país. Para a escolha, alguns critérios fundamentais foram adotados, ficha judicial limpa, paridade entre homens e mulheres, renovação (sem cargos eletivos anteriores) e pluralismo sociodemográfico. Metade dos candidatos eleitos do *En Marche* para a Assembleia nunca havia tido cargos eletivos. A legislatura começou sob os auspícios de uma verdadeira renovação nos quadros políticos tradicionais. Durante esse processo havia entusiasmo e expectativas. Ele respondeu a uma demanda de transformação política com uma efetiva e bem organizada mobilização. A diferença, talvez, é que as demandas desse público nasciam de frustrações e constatações de insuficiências, mas não se acionavam a raiva e o ressentimento. Também não nasciam de identidades ancoradas em uma ancestralidade de sofrimento e humilhação. Talvez seja uma via mais difícil, e, como já disse Gustave Le Bon (1895), "Domina-se mais facilmente um povo excitando suas paixões que se dedicando aos seus interesses".

Recentemente, depois da crise dos coletes amarelos, a resposta do governo seguiu o mesmo sentido daquela que criou o movimento *En Marche*. Foi criada uma plataforma na internet, com um quadro temático de questões e perguntas dirigidas que pode ser acessado e preenchido por todos. Ao mesmo tempo, foi solicitado que se organizasse, em todos os municípios, reuniões dos cidadãos com os prefeitos sobre os principais problemas,

sugestões de reformas, e que um registro disso tudo fosse feito. Esse abrangente projeto se chama "O Grande Debate" e pretende, depois da federação dos dados, apresentar e implementar mudanças em consequência. A estratégia consiste em dar voz a todos, criar uma malha que recubra o território por inteiro, incluir situações sociais muito diversas, instituir um debate generalizado e implicar o cidadão na vida política e na gestão pública. O apelo aos prefeitos dos municípios (das *communes*) tem a propriedade também de dar legitimidade ao procedimento, uma vez que esses prefeitos são os agentes públicos mais próximos e mais bem considerados da administração francesa. Alguns ministros se apresentaram em diferentes municípios para animar o debate, e o próprio presidente, sem avisar, permaneceu durante mais de sete horas, em duas oportunidades, nas reuniões dos municípios.

É cedo para saber o resultado disso tudo. De um lado, os coletes amarelos mobilizados, irreduzíveis em seus protestos, do outro, o governo, tentando mobilizar a sociedade civil para promover um grande momento de reflexão e prometendo que medidas serão tomadas em consequência. Os meios utilizados são muito semelhantes, implantação de redes de comunicação, mobilização, abertura para a participação direta, recobrimento nacional, promessas de mudança e de atendimento de demandas. Há, no entanto, diferenças. De um lado, há um povo, cheio de ressentimentos e que em nome deles julga que tem o direito de subverter algumas normas estabelecidas e enfrentar a polícia e o poder público. Do outro lado, há um público que precisa acreditar que as vias institucionais são capazes ainda de escutar e bem gerir suas demandas e originar mudanças positivas. São diferenças tão significativas que, a despeito da semelhança dos meios utilizados, definem duas formas muito diferentes de conceber o exercício do poder<sup>28</sup>.

## As cores pintam painéis

No ano de 2013, no Brasil, ocorreram manifestações bastante intensas que começaram contra o aumento das passagens urbanas em São Paulo e se estenderam por todo o País, mesmo depois de o aumento ter sido suspenso. Esse evento era inédito, teve um desenvolvimento bem original e, pela primeira vez no Brasil, as redes sociais estiveram presentes na mobilização e na organização dos atos. Vários livros, coletâneas e artigos apareceram imediatamente depois, e essa rapidez surpreendente das análises não é sem gerar suspeitas. Ao

<sup>28</sup>Mounk concebe esse processo como generalizado e examina casos tirados de muitos países nos quais há, segundo ele, fortes ameaças à democracia conduzidas pelo "povo" e seus líderes (Mounk, 2018).

examinar algumas dessas publicações se constata que as supostas análises correspondem tão somente a velhos esquemas. Há uma adaptação dos nomes e datas em explicações que são as mesmas de sempre. Alguns cientistas sociais abandonaram a lógica explicativa em prol de uma retórica de convencimento. Temos assim as novidades do mundo social sendo sistematicamente devoradas por velhas convicções. Só veem aquilo que selecionam e desenham interpretações que correspondem aos seus anseios. O grande problema nisso é que continuamos sem entender, continuamos sem saber quem eram aquelas pessoas, o que queriam, por que saíam às ruas e que consequências esse movimento teve eventualmente na posteridade.

O mesmo acontece com algumas análises que têm sido apresentadas sobre os coletes amarelos na França. Três esquemáticos painéis são oferecidos para que os eventos possam ser acomodados dentro deles. O primeiro desses painéis pinta as rotundas como novas ágoras. O desgaste do modelo da democracia representativa, o divórcio político entre as classes populares e as elites, teria gerado um déficit de democracia do qual os coletes amarelos são vítimas e sintoma. Uma democracia direta, horizontal, em que os ideais de cooperação e solidariedade são vividos na prática da organização dessas rotundas e surgem como renovadores dos valores republicanos. Nesse sentido, os coletes amarelos seriam um estímulo para o aperfeiçoamento das instituições políticas da França republicana para acabar com o modelo da “monarquia eleitoral”. No segundo painel, as rotundas são focos insurrecionais, o povo e sua força de transformação revolucionária, revoltados contra o capitalismo neoliberal, voltaram à cena política. Uma onda libertária está em curso e são visíveis no movimento dos Coletes Amarelos as iniciativas de autogestão, mutualismo e cooperação. Por fim, no terceiro painel, que se apresenta também com assiduidade, a dinâmica das ocupações nas rotundas redefine o quadro de novas sociabilidades de uma parcela da população que se via condenada à frieza dos grandes centros comerciais e à solidão do isolamento. A transposição das redes sociais para um espaço físico de conexão deu um novo sentido de ligação (*lien*) social, o movimento dos Coletes Amarelos reivindica, mas também promove o encontro de pessoas que antes não se conheciam e agora organizam bailes, churrascos, refeições, conversam sobre assuntos variados nessas rotundas que se transformaram em espaços de convívio democrático<sup>29</sup>.

Para os que se comprazem com o primeiro painel, pouco importa que nessas novas ágoras não compare-

<sup>29</sup>Evidentemente, esses painéis são produtos esquemáticos e não correspondem integralmente a nenhum autor, são como tipos-ideais weberianos. O importante é constatar que são o fundamento de inúmeros comentários, de intelectuais, de políticos, de jornalistas e da população em geral.

çam, nem sejam bem-vindos, alguns segmentos significativos da sociedade francesa, que se estigmatize grandes grupos de pessoas e que os comentários, muitas vezes, sejam agressivos e incitem à violência. Tampouco se considera que essa “nova democracia” se impõe desprezando a manifestação livre e soberana das urnas no processo eleitoral, não se leva em conta que alguns direitos básicos da democracia sejam desrespeitados, como o de ir e vir.

No segundo painel, há um problema fundamental, já que a demanda mais importante do conjunto dos manifestantes é a recuperação do poder aquisitivo, ou seja, a maior parte dos Coletes Amarelos não está rejeitando a sociedade capitalista, ao contrário, está querendo participar mais ativamente nela. Às vezes se raciocina como se não houvesse uma imensa diferença entre repartir a carne de um churrasco e a supressão da propriedade privada. Não há nenhum item da longa pauta apresentada pelos Coletes Amarelos que possa ser identificado a um ideal de mudança revolucionária das bases sociais, a expressão mais comum é aliás bastante conservadora. De fato, há um desafio às regras emanadas do Poder Executivo, sinal de uma insurreição, mas nada que se possa confundir com revolução.

Quanto ao terceiro, creditar aos encontros em torno das mobilizações como uma experiência de sociabilidade que retira essas pessoas de uma isolada e solitária existência parece sair, mais uma vez, de um olhar elitista sobre essa parcela da população. Há talvez um total desconhecimento dos quadros de vida delas e se imagina que o desprezo por determinadas atividades associadas ao gosto popular corresponda propriamente à sua inexistência.

A maneira pela qual gostaríamos que as coisas fossem não tem o condão de controlá-las, de redefini-las inteiramente, de mudar seus efeitos ou de fazê-las dizer só aquilo que queremos ouvir. Há, todavia, um elemento que controlamos facilmente: podemos não ver aquilo tal qual se apresenta e até conseguir adesão nessa ação de desvio do olhar. Não ver, no entanto, não significa não existir. Para todos aqueles que se dedicam à produção do conhecimento, que guardam interesse e curiosidade pelo mundo social, o melhor caminho só pode ser olhar para ele e aprender com ele.

Recentemente, um ex-ministro e agora editorialista de uma revista de grande circulação se referiu assim aos trabalhos do geógrafo que discutia, anos antes, a existência de uma população periférica invisível que coincide com os agora autodenominados Coletes Amarelos: “É preciso levar em consideração a França periférica’, martelam todos depois da descoberta alucinante do geógrafo Christophe Guilluy” (Le Fol, 2019). Não deveria haver

surpresa e nem a qualificação de alucinante para um trabalho que é fruto da observação e da análise de uma parcela da população francesa que permanecia distante dos políticos, dos intelectuais e da imprensa. Interessante é perceber que, ao descrever, discutir os medos, as demandas e, sobretudo, a força política dessa população, o posicionamento pessoal do pesquisador passou a ser uma matéria de importância e discussão. Para alguns colegas, ele valida as teses do partido de extrema direita ao trazer para o debate temas desse segmento reacionário da população, suas discussões são ansiogênicas e neoconservadoras. Para outros, no entanto, ele é visto como um raro pensador comprometido com as classes populares, abandonadas pela intelectualidade elitista<sup>30</sup>. Em síntese, o debate sobre a opinião do pesquisador parece ser mais importante do que aquilo que ele descreve, é preciso descobrir antes sua identidade, a cor da revolta dele para, só depois disso, considerar a qualidade do seu trabalho. Indubitavelmente, ele mapeou, identificou e discutiu preocupações, com dados e argumentos, que merecem ao menos reflexão sobre esses habitantes de uma França periférica. E tudo isso ocorreu bem antes de essas pessoas terem escolhido a cor amarela e vestido seus coletes fluorescentes nas ruas, rotundas e barricadas.

---

<sup>30</sup>Para complicar essa discussão, Guilluy usa categorias do pensamento marxista em discussões sobre a mundialização e sobre os sentidos da nacionalidade, tem audiência junto a políticos de diferentes e opostas posições e colaborou em trabalhos com intelectuais bastante controversos, como o filósofo Michel Onfray, por exemplo. Ele não trabalha na academia, nunca obteve um doutorado e é consultor junto às municipalidades.

## Referências

- ARENDRT, Hannah. (1970) *On Violence*. New York: Harcourt, Brace & World.
- AUGÉ, Marc. (1992) *Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Seuil.
- CASTELLS, Manuel. (2012) *Networks of Outrage and Hope. Social Movements in the Internet Age*. Cambridge: Polity Press.
- CHARMES, Éric. (2019) *La revanche des villages. Essai sur la France périurbaine. La République des idées*. Paris: Seuil.
- DE JARCY, Xavier; REMY, Vincent. (2010) "Comment la France est devenue moche". *Télérama*. Disponível em: <[www.telerama.fr](http://www.telerama.fr)>. Acessado em: 22/01/2019.
- DELPIROU, Aurélien. (2018) "La couleur des gilets jaunes". *La vie des idées*. <<http://www.laviedesidees.fr>>.
- DODIER, Rodolphe. (2012) *Habiter les espaces périurbains*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- GOFFMAN, Erving. (1956) *The Presentation of Self in Everyday Life*. Edinburgh: University of Edinburgh, Randon House.
- \_\_\_\_\_. (1963) *Behavior in Public Places: Notes on the Social Organization of Gatherings*. New York: The Free Press.
- GOMES, P. C. C.; FORT-JACQUES, T. (2010) "Spatialité et portée politique d'une mise em scène: le cas des tentes rouges au long du canal Saint-Martin". *Géographie et cultures*, n. 73.
- GOODHART, David. (2017) *The Road to Somewhere: The Populist Revolt and the Future of Politics*. London: C. Hurst & Co. (publishers).
- GUILLUY, Christophe; NOYÉ, Christophe. (2004) *Atlas des nouvelles fractures sociales en France: les classes moyennes oubliées et précarisées*. Paris: Autrement.
- GUILLUY, Christophe. (2010) *Fractures Françaises*. Editions François Bourin.
- \_\_\_\_\_. (2014) *La France Périphérique. Comment on a sacrifié les classes populaires*. Paris: Flammarion.
- \_\_\_\_\_. (2018) "Interview", *Sociétés*, par Thibaul Le Gal. Disponível em: <<https://www.20minutes.fr/societe>>. Acessado em: 20/1/2019.
- \_\_\_\_\_. (2018) *No Society*. Paris: Flammarion.
- HARVEY, David. (2000) *Spaces of Hope*. Berkeley: University of California Press.
- HESSEL, Stéphane. (2010) *Indignez-vous! Ceux qui marchent contre le vent*. Montpellier: Indigène.
- LE BON, Gustave. (1895) *Psychologie des foules*. Paris: Alcan.
- LE FOL, Sebastien. (2019) "Hanouna et les tartufes". *Le Point*, n. 2.422.
- MOUNK, Yascha. (2018) *The People vs. Democracy. Why Our Freedom Is in Danger & How to Save It*. Massachusetts: Harvard University Press.

SANTOS, Milton. (1997) *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP.

SARTRE, Jean-Paul. (1973) "Élections: pièges à cons". *Les temps modernes*, n. 318.

SPIELMAN, Guy. (2013) "L'événement-spetacle. Pertinence du concept et de la théorie de la performance". *Communications*, n. 92, p. 193-206.

SLOTERDIJK, Peter. (2006). *Colère et temps*. Paris: Méta-editions.